

# Uma gênese da crítica genética no Brasil: 1984-2014

Sergio Romanelli<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina CNPq

## Introdução

Neste artigo, tentarei esboçar, há trinta anos do surgimento da Crítica Genética no Brasil, o nascimento e o peculiar trajeto histórico e epistemológico dessa metodologia (ou talvez já teoria?) de estudo do processo criativo. Nessa tentativa, não há como não começar da primeira *querelle* (à qual muitas se sucederam, confirmando que um novo “polêmico” paradigma estava se estruturando no âmbito dos estudos literários) que desencadeou o interesse por essa inédita visão do texto literário e de seus mecanismos de criação: o “bate-boca” ensaístico entre Philippe Willemart e Paulo Francis nas páginas do *Folhetim*.<sup>2</sup>

Quando, entre abril e julho de 1984, ocorreu essa discussão entre os dois intelectuais em torno da noção de prototexto, pouco se sabia de Crítica Genética no Brasil e do papel que viria a desenvolver no país no final do século XX e, sobretudo, no início do século XXI. Em poucos anos, após essa fecunda polêmica entre dois intelectuais animados pela dialética segundo os moldes dos pensadores do século XIX, o estudo do prototexto ou do processo de criação de uma obra literária, a partir dos bastidores e dos manuscritos

---

1. Profesor en el Departamento de Lenguas Extranjeras y Literatura y en el posgrado en Estudios de Traducción en Brasil. Doctorado en Lingüística Aplicada en la Universidad Federal de Bahía (2003 y 2006). Presidente de APCG (Asociación de Investigadores en Crítica Genética de Brasil). Editor de las revistas *Manuscrita* e *In-traduzões*. Coordinador NUPROC - Centro para el Estudio de Procesos creativos ([www.nuproc.cce.ufsc.br](http://www.nuproc.cce.ufsc.br)). Traductor (Virgillito, Alberti, Twain) y poeta. Ha publicado más de 40 artículos y libros. Destacamos de los más recientes: *Libere Fenici* (2009), *La metafísica di un fauno* (2011), *Gênese do Processo Tradutório* (2013); *Antología bilingüe dos clássicos da língua italiana, vol. I e II* (2013), *Dom Pedro II: Un traductor imperial* (2013).

2. Suplemento dominical de cultura da *Folha de S. Paulo*, publicado no final dos anos 70 e durante quase todos os anos 80, foi criado e dirigido por um dos fundadores do também polêmico *Pasquim*, o jornalista Tarso de Castro. O *Folhetim* teve início em 23 de janeiro de 1977. O caderno continuou produzindo grandes debates e mesas redondas a respeito de assuntos mais sociais, porém, sempre contanto com as opiniões daqueles que representavam as ideias do meio acadêmico. A sua última edição foi em 25 de março de 1989. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/folhetim\\_index.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/folhetim_index.htm) Acesso: 20 de jul. de 2014.

deixados pelo autor, tornou-se tema central de pesquisas relevantes e apaixonadas sobretudo na Universidade de São Paulo, verdadeiro centro cultural do Brasil.

## **1. O surgimento da Crítica Genética no Brasil: a *querelle* Willemart-Francis**

Tudo começou com a publicação no *Folhetim* do dia 29 de abril de 1984 do artigo “O proto-texto: edição crítica e gênese do texto” de autoria de Philippe Willemart, intelectual belga, então professor de literatura francesa na Universidade de São Paulo. No artigo, Willemart chamava a atenção para a importância do estudo das anotações e dos rascunhos que antecedem o texto editado e lembrava que já havia na Alemanha uma tradição de estudos interessados “por tudo que escrevia o autor antes ou em vista do texto publicado” (Willemart, 1984a, 4); no entanto, segundo ele, a crítica universitária ainda não se preocupava com o prototexto, com sua existência, organização, definição e estudo.

O ponto de virada aconteceu em 1982, quando o ITEM (*Institut des Textes et des Manuscrits Modernes*) organizara o Seminário intitulado “Do documento ao manuscrito”. Nesse momento, a partir das reflexões da crítica textual e de uma constatação de sua insuficiência para responder aos questionamentos dos mecanismos de produção da escritura literária, surgiram as primeiras conceitualizações acerca da dimensão histórica do texto e dos mecanismos de criação e a busca dessas respostas nos manuscritos, anotações e rascunhos dos escritores.

Dessa nova epistemologia surgiram duas tarefas urgentes: “o estabelecimento de edições críticas e a crítica genética” (Willemart, 1984a, 4). Willemart nos lembra, ao citar exemplos extraídos dos dossiês genéticos de obras de Balzac, como as intervenções (propositais ou não), as distrações e as correções de tipógrafos, revisores, editores, organizadores, copistas, etc. nos manuscritos do autor podem modificar completamente as interpretações dos críticos e até o processo de revisão dos próprios autores. Estabelecer uma crítica a partir somente do visível, desconhecendo o percurso não sempre claro e linear (e intersubjetivo) da história do texto editado, é estabelecer uma crítica parcial e erroneamente objetiva. Essa heterogeneidade que caracteriza o processo escritural é também a mesma que provoca a fragmentação e a dispersão dos documentos de processo, como os chamamos hoje.

Willemart chamava justamente a atenção naquele artigo sobre a impossibilidade de se estabelecer essa epistemologia da criação na ausência de testemunhos escriturais e de instituições que guardassem essa multiplicidade de documentos garantindo sua sobrevivência e acesso. Assim, junto aos institutos e bibliotecas europeus, o geneticista belga destacava

já o trabalho relevante do IEB, em São Paulo, onde se guardam ainda hoje, entre outros, os manuscritos de Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

Willemart traçava ademais o perfil do que ele chamava de “crítico” e não de geneticista, mostrando certa timidez intelectual ao impor uma terminologia nova correspondente a um novo perfil de pesquisador do texto literário do ponto de vista do paradigma genético. Esse “crítico” teria uma tarefa árdua e complexa, não somente ler e interpretar um texto, mas também estabelecer a natureza desse texto, detectar sua pré-história, organizar os documentos manuscritos sem referências de lugar e tempo, sem uma ordem aparente; o novo “crítico” deveria saber reconhecer essa heterogeneidade, organizá-la, torná-la legível e explicá-la para si mesmo e para os leitores. Eis, então, a tarefa do geneticista, que tem na organização do dossiê genético e na reconstituição do prototexto seu desafio e sua especificidade maior.

Nascia assim um novo perfil de pesquisador: filólogo, mas não só; hermeneuta, mas não só; crítico, mas não só; nascia o crítico genético, o geneticista. Esse novo crítico, alerta-nos Willemart, necessitava, porém, de uma nova teoria: a teoria do prototexto. O prototexto não é, de fato, “um embrião que se desenvolve segundo uma lei de evolução definida e planejada, mas, apesar do prefixo, é texto [...]” (Willemart, 1984a, 5). É estudando o prototexto que realmente poderemos observar e entender a criação, pois não se trata simplesmente de constituir e reconstituir o antes e o depois de um texto, mas observar o momento da criação no seu despertar, num diálogo espontâneo com o texto e não numa presumida hierarquia.

O estudo do proto-texto, de um certo modo, limita a interpretação, mas torna-a mais científica e segura. Se a crítica tem por objetivo dar conta de um momento cultural filtrado por uma escritura, o proto-texto lhe oferece uma base que nenhum texto publicado dará. Quantas vezes, por falta de instrumentos de medição, o crítico “se serve” da escritura do autor como eco de suas aspirações e foge da cultura, da ideologia ou do inconsciente do texto que surgem da própria escritura. (Willemart, 1984a, 5)

Concluindo seu artigo, Willemart não somente levantava o que podemos ainda considerar o foco da *querelle* entre crítica genética e crítica literária, e que constitui também não só o objeto de pesquisa da primeira, mas também a justificativa de sua ontologia, o estudo do prototexto; ele igualmente expressava um desejo: o de ver crescer os estudos genéticos no Brasil, fazendo quase um apelo muito enfático para que os pesquisadores brasileiros escutassem seu chamado:

[...] a crítica em geral está pouco inclinada a trabalhar com o proto-texto, não necessariamente por falta de material mas porque as primeiras etapas – levantamento, classificação e decifração – levam muito tempo e exigem uma dedicação quase que exclusiva. Talvez no futuro possa-se requerer uma contribuição maior dos alunos de pós-graduação nesse sentido. Além de ser uma excelente escola para a pesquisa, a

publicação do proto-texto ofereceria uma fundamentação mais rigorosa para a crítica. (Willemart, 1984a, 5)

Se o apelo de Willemart atingiu os estudantes e pesquisadores brasileiros, o veremos mais adiante no decorrer desta gênese da crítica genética no Brasil; de certo, incomodou e muito os defensores do texto literário e deu sua presumida superioridade em relação aos rascunhos, aos manuscritos, aos esboços, à construção invisível do discurso poético; incomodou e muito os críticos literários fechados no velho paradigma pseudorromântico da obra que nasce de inspiração, da eleição do autor, como *deus ex machina* que governa as palavras; não agradou aos defensores da objetividade da criação literária, da sua simplicidade e da sua previsibilidade.

De fato, no dia 12 de maio de 1984, na *Folha Ilustrada*, Paulo Francis, pseudônimo de Franz Paul Trannin da Matta Heilborn (Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1930 – Nova Iorque, 4 de fevereiro de 1997), jornalista, crítico de teatro e escritor brasileiro, respondia de forma sarcástica e agressiva ao artigo de Willemart. Francis era conhecido por seus ataques pessoais a atores, escritores e intelectuais da época; não poupava palavras e nem gestos para defender sua visão peculiar das coisas, fosse contra uma atuação teatral, literatura, política ou artes. Francis também se destacou por suas afirmações categóricas – mas por erros de informação.

É de Nova York, do exílio, que em 1984 escreveu este texto atacando diretamente e de forma grosseira as colocações de Willemart. Cabe lembrar que Francis havia produzido vários romances de certo sucesso de público, mas amplamente reprovados pela crítica literária brasileira.

Voltando à polêmica com Willemart, assim comentava Francis a análise do geneticista belga sobre a centralidade do prototexto nos estudos literários contemporâneos: “Alguns professores [...] andaram escrevendo sobre ‘prototexto’ e similares no ‘Folhetim’. [...] Digo por hoje que o ‘pretexto’ está para a leitura como cocô para o menu do Restaurante La Serre.” (Francis, 1984, 50). O jornalista confirmava, dessa forma, toda uma epistemologia literária que via ainda com maus olhos os manuscritos literários: elementos imperfeitos, etapas parciais, bastidores inúteis de um exemplar perfeito de criação que era o livro editado (supostamente eleito pelo autor e aprovado pelo sistema editorial e literário), da versão assim chamada “acabada” ou “final”, espelho de uma superioridade criativa e ideal do autor, sobre o escritor e sobre o leitor.

Em 24 de julho do mesmo ano, Philippe Willemart rebate, como ele elegantemente diz, não diretamente as objeções do jornalista brasileiro, mas ao especificar ainda mais a definição do novo campo de pesquisa aberto pela “descoberta” do prototexto, com um novo artigo no *Folhetim* intitulado “Ainda o proto-texto – argumentos para um novo campo de

pesquisa. Desvendando os fundamentos do processo poético”. Já que a intenção de sua colocação não fora entendida e que o debate aberto propositadamente com a publicação de seu primeiro artigo despertara interesse, mas também interpretações erradas, por falta de conhecimento acerca deste novo estranho “objeto” de estudo, a saber, o prototexto (por sinal, já definido por Bellemin-Noël em 1972), fazia-se necessária uma ulterior definição do novo campo.

Willemart fez isso, desconstruindo o papel do crítico literário e da arte literária na contemporaneidade, perguntando a si mesmo e ao leitor: “Para que decifrar e estudar o conjunto dos planos, croquis e rascunhos de uma obra? Qual é a relação entre o proto-texto e o texto ou entre a arte e seu contexto de produção, e, enfim qual é a função do crítico?” (Willemart, 1984b, 10). Se o papel do crítico, justamente afirmava Willemart, é o de dar ordem, ou dar “uma” ordem, à “desordem” da percepção artístico-literária peculiar de um autor, para explicar de forma “objetiva” essa realidade outra para o leitor, então o papel do crítico e da crítica é, e deveria ser, também o de penetrar nessa “outra” realidade do autor, do livro, ou seja, o prototexto, no magma criativo em *status nascendi*, e, como verdadeiro pesquisador das profundezas poéticas, voltar à superfície com algum indício de sua busca:

O desejo do crítico não se limitará a extrair e expor essas riquezas, mas, tal qual um alquimista, discernir e entender o processo de criação; aproximar-se desse mistério, desvendar a maneira de estilizar a linguagem, desmontar o arranjo da narrativa. O estudo do proto-texto responde em parte a esse desejo. Decifrar e classificar as redações, determinar as diferenças pertinentes, detectar os mecanismos da composição, etc. (Willemart, 1984b, 10)

Ao defender a necessidade do prototexto, Willemart nos lembrava também que o acesso aos manuscritos dos autores não somente permite essa mirada lógica e empírica no ilógico percurso criativo do autor, mas possibilita perceber como o autor, para criar, distancia-se necessariamente da linguagem comum da comunicação do mundo ao qual o eu pertence, abrindo espaço para a atuação indispensável e parcialmente controlável do *scriptor* “um instrumento [...] a serviço de uma instância narrativa ou poética” (Willemart, 1984b, 11); além disso, através do prototexto, o crítico terá acesso à memória textual do autor, ainda que parcial.

A *querelle* do prototexto, entre Willemart e Francis, concluiu-se num artigo deste último, sempre na *Folha de São Paulo*, de 7 de Julho de 1984, com uma emblemática e sintética colocação:

Se vocês lerem coisas aqui – eu leio – que não fazem pé nem cabeça, podem crer que a culpa não é minha. [...] aos domingos a ‘Folha’ lança ensaios de ‘Cadernos brasileiros’ sobre Yeats e o prototexto, ou coisa semelhante. Não haverá nada no meio? (Francis, 1984b, s.p.)

Poucos talvez saibam ou lembrem hoje desta polêmica de 1984, mas me pareceu importante partir desse fato “histórico”, não só porque marca o início dos estudos genéticos no Brasil, pelos quais devemos agradecer ao Philippe Willemart, mas também porque inaugura uma nova forma de fazer pesquisa no Brasil; isso com certeza aconteceu, pois muitos escutaram o apelo e acataram o convite de Willemart e, a partir daí, nesses trinta anos, não somente se dedicaram ao estudo dos prototextos de autores brasileiros, franceses, etc., mas, ao se debruçarem sobre os tortuosos caminhos dos processos de criação, acabaram dando uma identidade específica à crítica genética brasileira, muito mais plural e, de alguma forma, ousada do que a “mãe francesa”. Essa construção de uma identidade própria não etnocêntrica e não eurocêntrica foi se moldando também na constituição igualmente desafiadora e difícil da identidade cultural, social e política do Brasil pós-ditadura; talvez não fosse o caso se a crítica genética e o estudo dos mecanismos de produção de uma obra de arte, ou seja, o estudo da liberdade criativa, tivessem explodido exatamente num momento em que o Brasil e os brasileiros precisassem libertar-se, e o fizeram, de jogos e discursos coloniais, pós-coloniais e pseudo-neo-coloniais. A necessidade da busca da origem, da raiz, da identidade própria na semelhança-diferença com o outro europeu, isso tudo caracterizava (e caracteriza até hoje), a meu ver, de forma indissociável, o pesquisador brasileiro dos anos 80.

## 2. Da APML à APCG

Falar em crítica genética no Brasil nos anos 80 é falar da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML); de fato, é exatamente um ano após a *querelle* entre Willemart e Francis que se funda, em 1985, a associação. Naquele mesmo ano, Philippe Willemart, depois de um pós-doutorado no ITEM, ofereceu um curso de pós-graduação sobre o estudo dos manuscritos. Isso chamou o interesse de diferentes pesquisadores que já trabalhavam com arquivos, mas que não sabiam como articular essa materialidade com a crítica literária. Depois desse curso, esses pesquisadores (entre os quais, Cecília Almeida Salles e Telê Ancona Lopez) decidiram, então, criar a APML e, desde aquela época, a cada três anos (a partir de 2010, a cada dois), foram organizados onze congressos internacionais<sup>3</sup> de crítica genética em diferentes universidades

---

3. 1985. *O manuscrito moderno e as edições*. São Paulo: ed. FFLCH-USP, 1986.  
1988. *II Encontro de edição crítica e crítica genética*. São Paulo: ed. FFLCH-USP, 1990.  
1991. *III Encontro Ecdótica e Crítica Genética*. João Pessoa: Idéia, 1993.  
1993. *Gênese e Memória*. São Paulo: ed. Annablume, 1995.  
1996. *Memória cultural e edições*. Salvador: EDUFBA, 2000.  
1999. *Fronteiras da criação*. São Paulo: ed. Annablume, 2000.  
2002. *Poética da criação. Manuscrita 11* e CD, São Paulo: ed. Annablume, 2003.

brasileiras. Conforme as pesquisas e procedências dos vários presidentes que se sucederam na direção da APML, cada evento foi marcado por uma orientação epistemológica específica que também nos permite hoje ler um possível desenvolvimento da crítica genética no Brasil.

Considerando a não linearidade e a heterogeneidade desse percurso, delinear o estado da crítica genética hoje no Brasil é um desafio. A variedade e multiplicidade de iniciativas realizadas nesses 30 anos nos revelam uma certa complexidade inerente à disciplina que já se tornou paradigmática.

Desde sua fundação em 1985, a APML estava concentrada no estudo dos manuscritos literários. No entanto, no decorrer das pesquisas e com a integração de novos membros, notadamente pesquisadores oriundos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que estudam as artes e as mídias, a APML operou três mudanças pois percebeu, primeiro, que o estudo da crítica genética não abrange necessariamente e somente os manuscritos literários, mas o universo sem fim da criação humana, compreendendo as artes, desde a literatura até as mídias; segundo, que o objeto da crítica genética se concentra no estudo dos processos de criação que podem ser captados tanto nos rascunhos, croquis ou esboços, quanto na obra exposta para o pintor, no texto publicado para o escritor, na dança executada para o dançarino ou no jogo do ator para o teatro, etc., sem o estudo obrigatório do que antecede as obras; terceiro, que a crítica genética ainda é possível na era do computador já que o disco duro mantém todas as mudanças provocadas pelas rasuras ou substituições do escritor.

O nome da associação deveria, porém, explicitar essas mudanças; portanto, em 2006, a APML decidiu, com o acordo da maioria dos sócios, propor o nome de Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG).

Nos dois primeiros congressos, ainda havia uma certa tentativa de integração entre o manuscrito e as edições críticas, para que o manuscrito se tornasse uma ferramenta indispensável para o estabelecimento de edições fidedignas; o terceiro foi marcado por uma tentativa de articulação com a filologia e a ecdótica. Nesta primeira fase, que eu chamaria de “proto-genética”, ainda eram poucos os pesquisadores, tanto franceses quanto brasileiros, que se abriam para o processo de criação; o foco permanecia outro. Porém, neste momento ainda de hesitação, a semiótica e a psicanálise já se delineiam como referencial teórico em varias comunicações; apontando, dessa forma, para o

---

2005. Leituras do Processo. *Manuscrita 14*. São Paulo: ed. Annablume, 2006.

2008. *Processo de criação e interações*. Vitória: Universidade Federal de Espírito Santo, 2008.

2010. *Materialidade e virtualidade no processo de criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

2012. A Crítica Genética na América do Sul: Pesquisas e perspectivas. *Manuscrita 24*. São Paulo: 2013.

caminho que, logo depois e até hoje, teria caracterizado a consolidação da crítica genética no Brasil.

O quarto encontro marca a fase que eu chamaria de “propriamente genética”. Já a partir deste momento, de fato, o leque de assuntos das comunicações se amplia e reflete a abrangência e diversidade das pesquisas em processos de criação no Brasil. Esse encontro, que tinha como tema *Gênese e Memória*, foi, então, caracterizado por comunicações sobre artes, arquitetura, folclore e ciência.

Ainda em busca de uma definição do seu objeto de estudo, o quinto congresso ficou marcado por um debate inédito entre a nova abordagem dos textos literários e a filologia italiana representada por um de seus maiores nomes: Giuseppe Tavani da Universidade de Roma.

No sexto encontro, *Fronteiras da criação*, a conferência inaugural de Daniel Ferrer apontou para a complexidade do horizonte genético na contemporaneidade e para a dificuldade de uma definição única: “A crítica genética do século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá”. Nesta ocasião, houve, pela primeira vez, uma mesa redonda especificamente voltada aos processos de criação e uma secção de pôsteres para novos pesquisadores.

A dificuldade de definição de um campo novo, tão complexo e aberto, caracterizou também a escolha, por parte da comissão científica, do tema para o sétimo congresso; após ter pensado em *Poética da incerteza*, optou finalmente por *Poética da criação*, ressaltando, dessa forma, a preocupação da genética brasileira em, por um lado estabelecer uma poética da criação, mas, por outro, revelar a incerteza que constitui qualquer processo criativo.

No oitavo encontro, intitulado *Leituras do processo*, celebravam-se os vinte anos da APMML, e deu-se continuidade às reflexões a respeito da peculiaridade dos processos de criação e de sua transversalidade na literatura, nas artes e nas ciências; sendo este último âmbito o tema da conferência de abertura.

A terceira fase, de 2008 até o momento, eu a chamaria de “Estudos do processo criativo”, inicia-se com o nono encontro que ocorreu na Universidade Estadual do Espírito Santo, intitulado *Processos de criação e interações*. Ao propor o estudo das interações do processo criativo, este evento explicita a posição da Associação como um todo em assumir finalmente como objeto privilegiado de análise da crítica genética brasileira o estudo do processo em todos os seus aspectos; além disto, esse encontro também se caracteriza por ser o primeiro da APCG, ou seja, da doravante Associação dos pesquisadores em Crítica Genética e não mais apenas dos Manuscritos Literários.

Em 2010, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sedia o décimo congresso internacional da associação, cujo



tema é *Materialidade e virtualidade no processo de criação*. O encontro buscou debater o tema central e mais polêmico talvez dentro do âmbito dos estudos genéticos: a necessidade e a sobrevivência da crítica genética na era digital.

Em 2013, a nova direção da APCG por mim presidida organizou o décimo primeiro encontro, tendo como tema *A Crítica Genética na América do Sul: Pesquisas e perspectivas*. O objetivo era o de destacar o papel desenvolvido pela crítica genética brasileira no cenário internacional por uma ampliação de seus âmbitos de reflexão, pesquisa e aplicação. De fato, além do literário, como vimos, foram incluídos processos de estudo de tradução, inclusive de tradução intersemiótica, educação, inclusão social, etc. É essa peculiaridade especificamente brasileira dentro do cenário da crítica genética sul-americana que se quis divulgar no evento, sem esquecer sua relação com a crítica genética de matriz francesa, num diálogo construtivo que potencializasse e não amenizasse as diferenças existentes.

Esse percurso instigante e múltiplo da APCG continua; de fato, enquanto escrevo este artigo, estamos preparando o tema para o próximo evento que ocorrerá na Bahia, em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em 2015, e cujo tema será *Estudos de processo criativo no século XXI: multilinguismo, multimídia e “multi-verso”*. Interessa-nos chamar a atenção para o papel dos estudos de processo na contemporaneidade, numa época em que a fragmentação e a heterogeneidade do conhecimento são as marcas de uma realidade não mais universal, mas multiversal. Considerando essa complexidade do mundo contemporâneo, já além da globalização, propomos também uma discussão acerca da necessidade de uma redefinição, não somente epistemológica, mas também terminológica da crítica genética, ou seja, perante esse cenário tão híbrido e heterogêneo, cabe ainda falar em crítica genética, ou não seria melhor falarmos apenas de estudos de processos criativos para descrever a abrangência das pesquisas que nos movem e a ontologia do nosso âmbito de estudo?

### **3. Grupos e Núcleos de pesquisa, a *Manuscrita* e as publicações**

Essa abrangência antes citada e a dificuldade em seguir a proliferação de estudos no âmbito da genética no Brasil são evidentes: se por um lado a APCG reúne hoje a maioria dos grupos do Brasil – elencados em parte no número especial dedicado à Crítica Genética na revista da SBPC de janeiro de 2007,<sup>4</sup> e agora no *site* da APCG ([www.apcg.com.br](http://www.apcg.com.br)) –, por outro, há alguns pesquisadores e grupos de pesquisa do CNPq que

---

4. Claudia Amigo Pino (Org.). *Crítica genética. Ciências e Cultura*. São Paulo: SBPC, Ano 59, 2007.

trabalham de alguma maneira com estudos de processo, mas não estão ainda associados à APCG.

Consultando o *site* da APCG, o dos grupos de pesquisas do CNPq e o dossiê da SBPC já citado, vemos que a crítica genética é praticada por cerca de 300 pesquisadores em mais que 20 instituições no Brasil. Os pesquisadores pertencem, na sua maioria, às universidades federais, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, passando por Alagoas, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Piauí, Santa Catarina; e ainda, à Pontifícia Universidade Católica de Recife, de Porto Alegre e de São Paulo; à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, à Faculdade São Bento da Bahia; ao Mackenzie e à Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo; à Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, e às três universidades públicas paulistas – a UNESP, a UNICAMP e a USP –, sem esquecer a Fundação Casa Rui Barbosa e o Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Na imagem a seguir, temos um mapeamento dos principais grupos que atuam no território brasileiro:

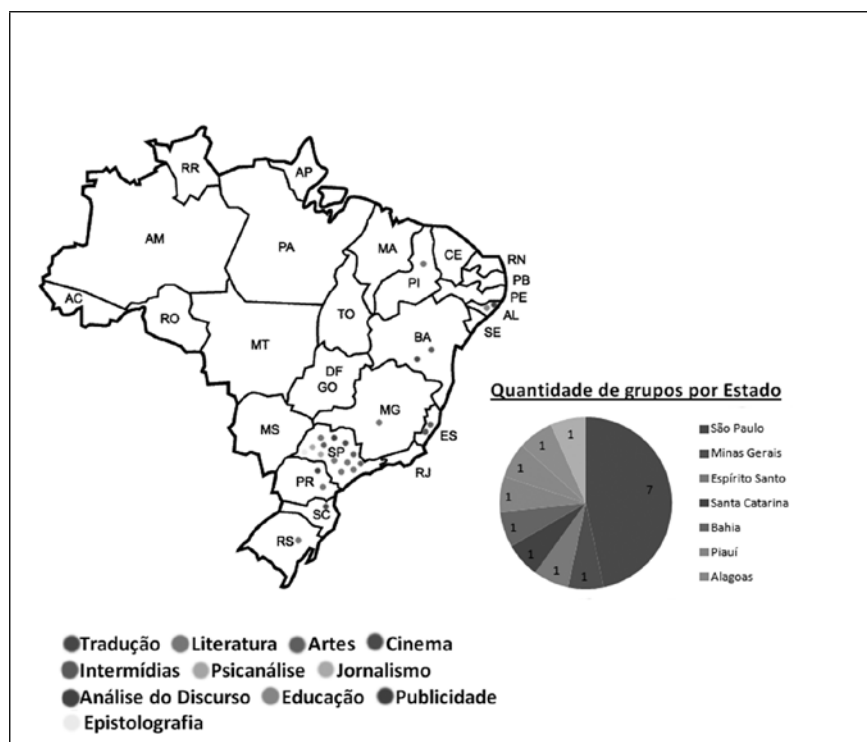


Fig. 1 - Distribuição dos núcleos e grupos de pesquisa em Crítica Genética no Brasil. Fonte: APCG, [www.apcg.com.br](http://www.apcg.com.br), elaboração Aline Novais de Almeida.

As áreas de concentração dos grupos, como se pode ver no quadro a seguir, abrem a crítica genética a campos bem diferenciados como a crítica literária, a correspondência e a biblioteca dos escritores, a história e a sociedade, os acervos de músicos brasileiros, as artes plásticas, a dança, o teatro, a fotografia, a música, a arquitetura, o jornalismo, a publicidade, as ciências da mente, a tradução, a inclusão social, a educação, mostrando a concretização do horizonte genético imaginado e almejado já por De Biasi em 1993.<sup>5</sup>

---

5. Pierre-Marc de Biasi. “L’Horizon Génétique”. *Les manuscrits des écrivains*. Paris: Hachette, 1993, pp. 238-260.

<i>Núcleo/Grupo</i>	<i>Abordagem (teórica/prática)</i>	<i>Instituição</i>	<i>Localização e e-mail</i>	<i>Coordenação científica</i>	<i>Área de Concentração</i>
<i>Núcleo de apoio à Pesquisa em Crítica Genética NAPCG</i>	O Núcleo reúne pesquisadores de diversos grupos nacionais voltados para os estudos do processo de criação.	Universidade de São Paulo (FFCHL)	Email: plmgwill@gmail.com	Prof. Philippe Willemart	Literatura
<i>Núcleo de Estudos dos Acervos de Escritores Mineiros</i>	Crítica genética, crítica biográfica, Teoria da Literatura, Literatura Comparada.	Universidade Federal de Minas Gerais ( Faculdade de Letras)	homepage: <a href="https://www.ufmg.br/aem/">https://www.ufmg.br/aem/</a> email: <a href="mailto:acemg@bu.ufmg.br">acemg@bu.ufmg.br</a>	Prof. Wander Melo Miranda e Prof. Reinaldo Martiniano Marques	Literatura
<i>Laboratório de Manuscrito Escolar (L:AME)</i>	Genética Textual, Linguística da Enunciação, Psicolinguística, Didática da Escrita.	Universidade Federal de Alagoas	Email: <a href="mailto:eduardocalil@hotmail.com">eduardocalil@hotmail.com</a>	Prof. Eduardo Calil	Educação e Análise do discurso
<i>Grupo de Poéticas Audiovisuais</i>	Estudo crítico da gênese de obras vídeo-cinematográficas, na qual está implicada a relação de recriação da literatura no audiovisual.	Universidade Federal de São Carlos (Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som e em Estudos de Literatura)	Email: <a href="mailto:jmonzani@ufscar.br">jmonzani@ufscar.br</a>	Profª. Josette Monzani	Cinema
<i>LEENA – Laboratório de extensão e pesquisa em arte</i>	Estudos teóricos do processo de criação.	Universidade Federal do Espírito Santo	Email: <a href="mailto:josecirillo@hotmail.com">josecirillo@hotmail.com</a>	Prof. José Cirillo	Artes, Intermedias
<i>GELLE (Grupo de Estudos de Literatura Loucura Escrita)</i>	Não há uma linha ou abordagem que defina as pesquisas.	Universidade de São Paulo	Email: <a href="mailto:vegarj@usp.br">vegarj@usp.br</a>	Profª. Verônica Galindez-Jorge	Literatura
<i>Grupo de pesquisa em Processo de criação</i>	Uma crítica de processo que abarca as diferentes manifestações artísticas (assim com a literatura) e processos comunicativos (publicidade e jornalismo).	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Homepage: <a href="http://www.redesdecriacao.org.br">http://www.redesdecriacao.org.br</a> Email: <a href="mailto:cecilia.salles@gmail.com">cecilia.salles@gmail.com</a>	Profª. Cecília Almeida Salles	Artes, Publicidade, Literatura, Intermedias, Jornalismo
<i>Os Aspectos Comunicativos da Criação Artística</i>	Crítica Genética, Semiótica Peirceana e Estilística.	Universidade Estadual de Londrina (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem)	Email: <a href="mailto:edmapanichi@sercomtel.com.br">edmapanichi@sercomtel.com.br</a>	Profª. Edina Regina Pugas Panichi	Análise do discurso, Literatura

<i>Arquivo documental Gui-hermino Cesar</i>	Organização do Arquivo, Teorias poéticas, Teorias historiográficas, <b>Teorias da Narrativa</b> .	Universidade Federal do Rio Grande do Sul ( Instituto de Letras)	Email: marciaivanalimaesilva@yahoo.com.br	Prof. <b>Márcia Ivana de Lima e Silva</b>	Literatura
<i>Núcleo de Estudo em Memória e Acervo - NEMA</i>	Estudar manuscritos e documentos de processo da literatura piauiense, visando entender o texto acabado, com base na teoria da gênese da criação.	Universidade Estadual do Piauí	Email: marciaedlenem@gmail.com	Prof. Márcia Edlene Mauriz Lima	Literatura
<i>NUPROC (Núcleo de Estudos do Processo Criativo)</i>	Estudar o processo de criação do tradutor, a interface tradução e genética e os processos criativos nas artes.	Universidade Federal de Santa Catarina	Homepage: <a href="http://www.nuproc.cce.ufsc.br/">http://www.nuproc.cce.ufsc.br/</a> Email: <a href="mailto:sergiotoroma70@gmail.com">sergiotoroma70@gmail.com</a>	Prof. Sergio Romaneli	Tradução e Artes
<i>Equipe Mario de Andrade</i>	Crítica genética, crítica textual, arquivística, codicologia, crítica literária na análise dos manuscritos de Mário de Andrade.	Universidade de São Paulo ( Instituto de Estudos Brasileiros)	Email: <a href="mailto:teleal@usp.br">teleal@usp.br</a>	Prof. Telê Ancona Lopez	Literatura, Música, Folclore brasileiro, Artes Plásticas
<i>Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM)</i>	O objeto desta pesquisa é a tradução de textos em língua inglesa e alemã para o português, os quais são gravados em audiolivros.	Universidade Federal da Bahia ( Instituto de Letras - Departamento de Letras Germânicas)	Homepage: <a href="http://www.ufba.br">http://www.ufba.br</a> Email: <a href="mailto:smganastacio10@gmail.com">smganastacio10@gmail.com</a>	Prof. Sílvia Maria Guerra Anastácio Vice-coordenação: Marilene Holzhausen	Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras
<i>Criação &amp; Crítica</i>	Crítica literária e crítica genética.	Universidade de São Paulo ( DLM-Letras)	Email: <a href="mailto:camigopino@gmail.com">camigopino@gmail.com</a>	Prof. Claudia Amigo Pino	Literatura
<i>Núcleo de Estudos de Epistolografia brasileira</i>	Correspondência, Edições e crítica genética.	IEB - USP	Email: <a href="mailto:moraesusp@gmail.com">moraesusp@gmail.com</a>	Prof. Telê Ancona Lopez e Prof. Marcos A. Moraes	Epistolografia
<i>Grupo DELFOS</i>	O Delfos reúne pesquisadores voltados para o estudo do processo de criação de autores e artistas gaúchos.	Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-RS	Email: <a href="mailto:delfos@pucrs.br">delfos@pucrs.br</a>	Prof. Alice Moreira.	Literatura, Tradução, Artes

**Quadro 1 - Descrição dos grupos de pesquisa em crítica genética do Brasil. Fonte: APCG, elaboração Aline Novais de Almeida.**

As atividades desses grupos e os resultados de suas pesquisas redundaram, ao longo desses 30 anos, em muitas publicações, tanto em artigos divulgados na *Revista Manuscritica*, quanto em livros, resenhas, entrevistas e traduções.

A *Revista Manuscritica* (Qualis A2), hoje o periódico mais importante na área de crítica genética na América latina, foi fundada em 1990 pelo mesmo núcleo de pesquisadores que deu vida à APML. Foi editada pela Annablume até o número 14 e, a partir do número 15, de março de 2008, está sendo editada pela Humanitas da Faculdade de Filosofia da USP. A editoração da revista é uma parceria entre a direção da APCG e o programa de Pós-Graduação em Francês da USP. A revista conta com as seções “Passando a limpo” (para divulgação de pesquisas concluídas, publicações e eventos); “Ateliê” e “Incipit” (ensaios e artigos com estudos recentes ou em andamento); “Diálogos” (entrevistas com escritores e artistas); “Comentários” (resenhas); “Tradução” e “Fac-símile” (apresentação de documentos). Em modo específico, chamo a atenção para a seção “Passando a limpo”, onde são semestralmente relatadas todas as inúmeras atividades relacionadas à crítica genética no Brasil: eventos, publicações, dissertações e teses defendidas, cursos, etc. Uma rápida olhada é já suficiente para se ter uma ideia da quantidade de produções e iniciativas e também do teor dos estudos genéticos no Brasil.

A *Manuscritica*, que tem um corpo editorial composto por geneticistas de renome, já conta com 25 edições e, desde 2012, é editada somente em formato digital no sistema OJS no portal de periódicos da USP. Todas as edições estão disponíveis no endereço <http://revistas.fflch.usp.br/manuscritica/issue/archive>. As chamadas para contribuições estão sempre abertas, em várias línguas para pesquisadores de vários países. O processo de submissão deve ser feito acessando-se o *site* mencionado e seguindo-se as diretrizes para autores.

Além dos congressos da APCG, das atividades dos grupos e dos núcleos de pesquisa e da *Revista Manuscritica*, cabe lembrar também o papel do Grupo de trabalho (GT) em crítica genética da Associação nacional dos pesquisadores em Letras e Linguística do Brasil (ANPOLL). O GT em crítica genética convocado pela ANPOLL a cada dois anos reúne os sócios interessados ao redor de um tema. O GT publicou as comunicações e debates do XXIº Encontro Nacional de 2006 em 2007.<sup>6</sup> Assim, *Criação em debate* (2006) reúne contribuições das equipes das Universidades de Porto Alegre, São Paulo e Salvador que levantaram vários problemas suscitados nos então 20 anos da nova disciplina no XXIº Encontro da ANPOLL de 2006 em São Paulo. O foco dessas intervenções era a relação entre as escrituras

---

6. Claudia Amigo Pino (Org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas, 2008.

estudadas em cada século (XIX, XX ou XXI) e as interpretações genéticas: existiria, então, uma gênese para cada século? Além disso, o livro trouxe, pela primeira vez, um âmbito novo e forte dentro dos estudos genéticos: a interdisciplinaridade entre estudos da tradução e estudos de processo.

Se é verdade que essa questão ainda não foi respondida, ou seja, se há uma teoria da criação geral ou se há genéticas para cada autor e para cada século; existem, porém, princípios epistemológicos basilares dentro dos estudos genéticos: a peculiaridade e a necessidade do recorte operado pelo geneticista que se contrapõe ao clássico estudo diacrônico do manuscrito; as noções de processo, inacabamento e rede; a concepção do sistema criativo, seja qual for sua natureza, como sistema complexo, imprevisível e instável e a tradução considerada finalmente como processo escritural autônomo e não simplesmente transcrição de algo.

Ao final deste breve percurso sobre 30 anos de genética no Brasil, eu poderia com certeza afirmar que, se os estudos de processo no Brasil continuam, felizmente, muito vivos e heterogêneos, há, porém, um dado de fundo irrefutável: a crítica genética de 2014 não é simplesmente aquela de 1984, não é mais baseada no estudo de autores específicos, não foca o estudo de caso como algo fechado e autorreferencial, mas, além de se abrir para novos campos de aplicação inéditos, além do literário, fez com que todos esses estudos confluíssem para com a busca e a elaboração de uma teoria da criação. Esse percurso pode ser observado, como tentei mostrar aqui, não somente analisando os temas dos congressos, as pesquisas dos inúmeros grupos e núcleos mencionados, o papel central da *Revista Manuscrita*, mas também a publicação de alguns textos que confirmam a pesquisa mais teórica e que relato a seguir.

*Gesto inacabado: processo de criação artística* (1998), *Redes da criação: construção da obra de arte* (2006) e *Arquivos de criação: arte e curadoria* (2010) de Cecília Almeida Salles<sup>7</sup> elaboram

[...] uma abordagem crítica que não enfoca somente a criação final tal como é entregue ao público. Pretende-se, assim, gerar mais conhecimento sobre processos e oferecer um denominador comum para tratar as diferentes formas de expressão. Muitas questões da produção contemporânea envolvem uma complexa e intrincada relação entre obras e seus processos de construção. A crítica processual tornou-se, portanto, fundamental para discutir a arte, principalmente aquela produzida nas últimas décadas, que necessita de um olhar capaz de abarcar a obra em sua dinamicidade, dado que leituras de objetos estáticos não se mostram mais satisfatórias nem eficientes.<sup>8</sup>

---

7. Cecília Salles. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998; *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2006 e *Arquivos de criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2010.

8. Disponível no site [http://www.redesdecricao.org.br/?page\\_id=126](http://www.redesdecricao.org.br/?page_id=126) acesso 14 de jul. de 2014.

*Crítica genética e psicanálise* (2005), *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise* (2009) e *Psicanálise e teoria Literária* (2014) de Philippe Willemart<sup>9</sup> tentam, como diz o próprio autor, “sobretudo responder a duas perguntas: Como se formou a crítica genética e como se constitui a escritura literária?”. Nesses textos, são analisados os papéis, na construção de uma obra literária, do escritor, do *scriptor*, do narrador, do leitor e do autor. O símbolo central dessa teoria de criação em torno do qual tudo converge é o da roda:

[...] símbolo, entre outros, da vida, da morte e do tempo [...] permite construir uma teoria da criação literária e, mais amplamente, da criação artística, nos impedindo de cair, por sua dinâmica própria, no mito do nascimento epifânico do sujeito ou de sua morte definitiva. (Peterson, 2014, s.p.)<sup>10</sup>

Por sua vez, em *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica a crítica genética*, Claudia Amigo Pino e Roberto Zular<sup>11</sup> (2008) discutem as bases teóricas da prática dos geneticistas. Os autores abordam e problematizam noções fundamentais, tais quais o processo, o prototexto, a escrita na sua relação com a tecnologia, a oralidade, o caráter performativo da escrita, etc. Os autores, ao concluírem o livro, voltam às questões teóricas e, sobretudo, à discussão da forma literária, que, em sua opinião, tem sido abandonada pelos geneticistas em prol da preocupação com o processo criativo.

Gostaria de citar ainda dois livros, dentre os muitos, que me parecem fundamentais por ser, em seu gênero, pioneiros dentro e fora do Brasil, e também pela perspectiva inovadora e transdisciplinar que representam: a aplicação da crítica genética aos estudos da tradução, ainda que de pontos de vista diferentes.

No primeiro, *Da crítica genética à tradução literária* (2011), Marie-Hélène Paret Passos aborda a análise genética desse espaço privilegiado de criação, o manuscrito tradutório. A perspectiva deste livro, e da pesquisa que o origina, é absolutamente interdisciplinar e tem como tese central a defesa da necessidade do acesso, por parte dos tradutores, aos manuscritos do autor que traduzem, para chegarem, assim, àquela leitura realmente exaustiva e íntima da qual decorre a interpretação, não somente da forma, mas, também, do conteúdo, necessária à reescritura no polo de chegada. Através do percurso genético das três versões do conto de Caio F. Abreu e da sucessiva geração de um prototexto tradutório a partir do texto por ela fixado, Passos nos demonstra como ambos os processos, autoral e tradutório,

---

9. Philippe Willemart. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva 2005 e *Psicanálise e teoria literária*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

10. Michel Peterson. Disponível no site: [http://bauchau.fltr.ucl.ac.be/IMG/pdf/Philippe\\_willemart.pdf](http://bauchau.fltr.ucl.ac.be/IMG/pdf/Philippe_willemart.pdf) Acesso 14 de jul. de 2014.

11. Claudia Amigo Pino e Roberto Zular (Orgs.). *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



são escriturais. A tradução é, justamente, um texto escrito pela primeira vez e de forma criativa e não simplesmente reescrito.

No segundo, *Gênese do processo tradutório* (2013a), de minha autoria, ainda é central a aplicação da crítica genética à tradução, mas de outra perspectiva. Neste caso, pela primeira vez, aplica-se essa metodologia ao estudo do processo criativo do tradutor a partir de seus manuscritos, rascunhos, cadernos, etc. A pesquisa se fundamenta nos princípios do novo paradigma do pensamento sistêmico (Esteves, 2002), na noção de polissistema (Even-Zohar, 1990) e no método descritivo de Lambert & Van Gorp (1985). O objetivo é o de estudar o processo escritural do tradutor a partir de dados empíricos e não de formulações hipotéticas baseadas só no estudo do texto editado. O objeto de estudo, neste caso específico, são 114 poesias de Emily Dickinson traduzidas para o italiano pela poeta Rina Sara Virgillito.

Ainda falando em traduções, cabe aqui lembrar os vários textos de referência da crítica genética francesa traduzidos pela primeira vez ao português pelos membros de alguns dos grupos acima citados, a saber: *A genética dos textos*, de Pierre-Marc de Biasi, traduzido por Marie Hélène Paret Passos; *Elementos de crítica genética*, de Almuth Gresillon, pela editora da UFRGS; *A literaturas dos escritores*, de Louis Hay, pela UFMG e um volume (no prelo) com dez artigos da revista *Genesis*, sobre genética no teatro e no cinema, pela primeira vez traduzidos ao português e organizado por Sílvia Maria Guerra Anastácio (UFBA), Sergio Romanelli (UFSC), Noêmia Guimarães Soares (UFSC) e Marie-Hélène Paret Passos (PUCRS).

### **Algumas conclusões**

No breve *excursus* traçado aqui da crítica genética no Brasil, desde seu surgimento em 1984 até nossos dias, ainda que não exaustivo, pela dificuldade em mapear um campo de pesquisa tão amplo e transversal, acredito que se possam detectar algumas constantes de base que caracterizam a genética brasileira: primeiro, assim como aconteceu desde seu surgimento, o estudo e o desenvolvimento da crítica genética resulta do esforço não de poucos intelectuais, mas de grupos de pesquisa, liderados frequentemente por um orientador engajado na pesquisa, que não só transfere conhecimentos específicos, mas questionamentos e métodos que formam seus orientandos e geram novas pesquisas e desdobramentos; segundo, o objeto de estudo é hoje o processo criativo e não mais só o manuscrito literário; terceiro, a pesquisa não está mais ligada a um centro, como, no início, foram São Paulo e a USP, mas, como num caleidoscópio, espalhou-se, quase como um vírus crítico, em todo o território brasileiro, difundindo-se em instituições federais e estaduais de todo nível; quarto, ainda que a genética brasileira não tenha esquecido sua matriz francesa nem tenha parado de dialogar com

ela, o olhar também se voltou para a América latina, fortalecendo, então, as trocas com os pesquisadores da Venezuela, Uruguai, Argentina e Chile.

Se não se pode falar, então, de escolas francesa ou brasileira; há, porém, epistemologias e abordagens diferentes nos dois continentes, ainda que se abordem os mesmos objetos ou autores, pois completamente diversas são as condições materiais e ideológicas em que isso acontece. Se não se pode, afinal, falar ainda de escolas, pode-se, a meu ver, seguramente falar de genéticas e não mais de crítica genética.

Espero, com este artigo, ter despertado o interesse dos leitores estrangeiros para com a genética brasileira, feita, sim, por pesquisadores de várias procedências, e sobre vários objetos, mas, no mesmo território, nas mesmas condições e sob a égide da APCG. Espero também que o interesse gere um diálogo sempre maior com os grupos latino-americanos e com os da Europa central, e com aqueles que ainda não foram detectados e que virão a ser.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ivya Iracema Duarte; GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques (Orgs.). *Memória cultural e edições*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. *Le texte et l'avant-texte. Les Brouillons de une poème de Milosz*. Paris: Larousse, 1972.
- BIASI, Pierre-Marc de. "L'Horizon Génétique". *Les manuscrits des écrivains*. Paris: Hachette, 1993, pp. 238-260.
- . *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- CIRILLO, José. *Manuscrita 14*. São Paulo: ed. Annablume, 2006.
- CIRILLO, José; BEZERRA, Angela Grando (Org.). *Processo de criação e interações: a crítica genética em debate nas artes performáticas e visuais (anais)*. 1. ed. Belo Horizonte: Com Arte, 2008.
- CIRILLO, José; PASSOS, Marie-Hélène Paret (Orgs.). *Materialidade e virtualidade no processo de criação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- ESTEVES, M. J. De Vasconcellos. *Pensamento Sistêmico o novo paradigma da ciência*. Campinas- Sp: Papirus, 2002.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. "Polysystem Studies". *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, Vol. 11, Number 1 Spring 1990.
- FRANCIS, Paulo. "O festival permanente de besteira". *Folha Ilustrada*, São Paulo, 12 de maio, 1984a, p. 50.
- . "Diário da corte". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de julho, 1984b, s. p.
- GRESILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética. Ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birk [et al.]. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- HAY, Louis. *A literatura dos escritores: Questões de Crítica Genética*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão Técnica Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- LAMBERT, J.; GORP, H. von. "On describing Translations". In: HERMANS T. (Ed.). *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. London & Sidney: Croom Helm, 1985, pp. 42-53.

- LIMA, Sônia Maria Van Dijck (Org.). *III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética*. João Pessoa: Idéia, 1993.
- LOPEZ, Telê Ancona; WILLEMART, Philippe (Orgs.). *Fronteiras da criação*. VI Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2000.
- PASSOS, Marie-Hélène Paret. *Da crítica genética à tradução literária*. Vinhedo: Horizonte, 2011.
- PETERSON, Michel. *Apresentação*. Disponível no site: [http://bauchau.fltr.ucl.ac.be/IMG/pdf/Philippe\\_willemart.pdf](http://bauchau.fltr.ucl.ac.be/IMG/pdf/Philippe_willemart.pdf) Acesso 14 de jul. de 2014.
- PINO, Claudia Amigo (Org.). *Crítica genética. Ciências e Cultura*. São Paulo: SBPC, Ano 59, 2007.
- . (Org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto (Orgs.). *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- REDESDACRIAÇÃO. Disponível no site [http://www.redesdecricao.org.br/?page\\_id=126](http://www.redesdecricao.org.br/?page_id=126) Acesso 14 de jul. de 2014.
- ROMANELLI, Sergio. *Gênese do processo tradutório*. Vinhedo: Horizonte, 2013a.
- . (Org.). “A Crítica Genética na América do Sul: Pesquisas e perspectivas”. *Revista Manuscrita*, n. 24. São Paulo: USP, 2013b.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.
- . (Org.). *Manuscrita II*, São Paulo: ed. Annablume, 2003.
- . *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2006.
- . *Arquivos de criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2010.
- WILLEMART, Philippe. “O proto-texto: edição crítica e gênese do texto”. *Folhetim*, 29 de abril de 1984a, pp. 4-5.
- WILLEMART, Philippe. “Ainda o proto-texto - argumentos para um novo campo de pesquisa. Desvendando os fundamentos do processo poético”. *Folhetim*, São Paulo, 24 de junho, 1984b, pp. 10-11.
- . *O manuscrito moderno e as edições*. São Paulo: ed. FFLCH-USP, 1986.
- . (Org.). *II Encontro de edição crítica e crítica genética: Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: ed. FFLCH-USP, 1990.
- . (Org.). *Gênese e Memória*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1995.
- . *Crítica genética e psicanálise*, São Paulo: Perspectiva, 2005.
- . *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- . *Psicanálise e Teoria literária*. São Paulo: Perspectiva, 2014.